

Fonte d'água de minha vila  
vagueia pelo campo, vejo meu corpo  
chiando no cascalho que o pobre sol escalda ante minha presença  
de uma morte anterior ao meu morrer  
física imagem sobre o nada  
um grito, mesmo alegre e eu tombaria  
aqui o silêncio da morte é fé  
lá em cima um pouco de nuvens mornas  
correm cavalos cavalgados por rapazes  
acenando em silêncio  
mas também por culpa de nosso mundo  
o mais culpado sou eu  
petrificado de pena  
primeiro e único filho não nascido  
numa lama de outras eras  
quem se cobria de crostas está coberto de feridas  
mas é em nós que o mundo é inimigo do mundo  
não se iluda  
e o que és?  
venho de ti e torno a ti  
eu jamais vou ter paz  
a buscar irmãos que não existem  
que na vida se ajustam  
na sombra que não tem futuro  
na luz arrasadora desse mar  
comem em silêncio contra o mar que não se vê  
devo voltar a ser pobre, desconhecido, menino?  
manhãs, fervilhantes meios dias  
deixo de ser poeta original  
que olha pra lá e pra cá antes de atravessar a estrada  
os operários não choram diante das obras-primas  
é assim que o Brasil me saúda  
e é por isso que me calo  
oh Brasil! minha pátria desgraçada  
algo de humano acabou  
me pergunto o que eles temem  
nas mudanças históricas  
na tomada de poder  
e que na realidade é uma série de golpes  
instituída como sistema de proteção ao poder  
pois bem, creio no entanto  
que eu também tenho direito à vida